

Você ainda usa tubete de plástico?

Silva, GHR et al. Methylparaben concentration in commercial Brazilian local anesthetics solutions. *Journal of Applied Oral Science*, v. 20, n. 4, p. 444-448, 2012.

Prof. Rodrigo Resende

CRO/RJ 32190

- :: Professor de Cirurgia Bucal, Anestesiologia e Farmacologia – UFF e UNIG
- :: Especialista em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial – UGF/HFAG
- :: Especialista em Estomatologia – UERJ
- :: Especialista em Implantodontia – UFF
- :: Mestre e Doutor em Odontologia – UFF
- :: MBA em Gestão de Saúde – UFF



Caro colega, o artigo selecionado para este breve comentário possui os ingredientes fundamentais para a realização de um bom estudo científico: é claro, direto e de grande importância clínica para o profissional de Odontologia. Isso porque envolve uma questão/reflexão em nosso dia a dia de atendimento: - Eu sei realmente o que estou injetando em meu paciente?

Com um objetivo bem delimitado, os autores questionam se há a presença e a concentração de metilparabeno nos tubetes de uso odontológico para anestesia local, comercialmente disponíveis no mercado brasileiro.

A importância desse estudo se dá, pois, segundo o autor Malamed em sua 7ª edição, 2019, o uso de metilparabeno nos anestésicos odontológicos está proibido nos Estados Unidos desde 1º de janeiro de 1984. E, como este é um livro de origem americana e amplamente utilizado pelas Faculdades de Odontologia em todo o nosso país, muitos profissionais têm a falsa ideia de que no Brasil seguimos a mesma legislação para este produto. Porém, isso não ocorre! O metilparabeno ainda é amplamente utilizado em diversos alimentos e medicamentos em todo o nosso país, dentre eles, nos tubetes odontológicos. Mas, será que você sabe se a sua solução anestésica utilizada no dia a dia possui o metilparabeno?

Para isso, os pesquisadores selecionaram 12 marcas comerciais (sendo 4 tubetes de vidro e 8 tubetes de plástico) de soluções de anestésico local disponíveis e utilizados pelos profissionais brasileiros. Esses produtos foram adquiridos em

diferentes lotes e cidades brasileiras (Piracicaba/SP, Campinas/SP e São Paulo/SP) para descartar qualquer alteração em um único lote ou região de sua comercialização.

Através dos métodos de avaliação selecionados para esse estudo (Cromatografia líquida de alto desempenho (HPLC) com UVVis detector e a fase móvel utilizando acetonitrila: água (75:25 - v / v), pH 4,5, ajustado com ácido acético a uma vazão de 1,0 ml.min⁻¹), os pesquisadores chegaram a resultados bem relevantes e, senão, “assustadores” a nível de risco na clínica odontológica. Isso porque, das 12 soluções avaliadas, 9 delas apresentavam metilparabeno em sua composição e em concentrações variadas de 0,01% a 0,16% (m/v).

No **Quadro 1**, foram inseridos os dados desse estudo como fabricante, o anestésico e seu nome comercial, tipo de material do tubete e presença/concentração do metilparabeno.

Fabricante	Anestésico	Nome comercial	Tipo de tubete	MP (mg / mL)	C.V. (%)
Probem®	Lidocaína 2% com epinefrina 1:100.000	Lidostesina 100	Plástico	0,097	0,77
Probem®	Lidocaína 2% com epinefrina 1:50.000	Lidostesina 50	Plástico	0,097	0,66
Probem®	Lidocaína 2%	Lidostesin 2% SV	Plástico	0,128	4,36
Probem®	Mepivacaína 3%	Mepivalem 3%	Plástico	0,090	3,96
Probem®	Lidocaína 2% com noraepinefrina 1:50.000	Lidostesin 3%	Plástico	0,115	3,79
SSW®	Lidocaína 2% com fenilefrina 1:2.500	Novocol 100	Plástico	1,058	1,45
Dentsply®	Bupivacaína 0,5% com epinefrina 1:200.000	Cirucaína	Plástico	0,105	0,44
DFL®	Lidocaína 2% com epinefrina 1:100.000	Alphacaine	Vidro	-	-
DFL®	Articaína 4% com epinefrina 1:100.000	Articaine	Vidro	-	-
DFL®	Prilocaína 3% com felipressina 0.03% UI/mL	Prilonest	Vidro	1,627	2,08
Septodont	Mepivacaína 2% com epinefrina 1:100.000	Scandicaíne	Vidro	-	-
Cristália	Prilocaína 3% com felipressina 0.03% UI/mL	Citocaína	Plástico	0,736	7,88

Quadro 1: Resultados obtidos neste estudo.

As conclusões que os autores chegaram com este estudo foram que há no mercado odontológico tubetes com a presença de metilparabeno em diferentes concentrações e que, além disso, muitas marcas não relatam isso na bula de seu medicamento.

Um outro alerta deste artigo foi que a presença de metilparabeno não é regulamentada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), pois esta substância apresenta um alta taxa de reações alérgicas (em menor ou maior grau), sendo assim importante o conhecimento pelo cirurgião-dentista para evitar possíveis complicações.

Foi descrito também, durante a discussão deste artigo, as razões pelas quais o metilparabeno é utilizado em soluções anestésicas de tubetes de plástico. Está relacionado à conservação e esterilidade química da solução anestésica, pois a permeabilidade do plástico pode resultar em infiltração de oxigênio em seu interior e uma possível contaminação do mesmo, obrigando o uso de um agente bacteriostático. Já os tubetes de vidro, devido às suas características (mais higiênico, inerte e impermeável) não apresentam essa necessidade.

Assim, já que estamos falando das diferenças entre os tubetes de vidro e plástico, vale lembrar outras vantagens clínicas

importantes na escolha dos tubetes de vidro em detrimento aos de plástico:

- Melhor deslizamento do êmbolo durante a injeção da solução anestésica;
- Sem perda das informações do tubete: rótulo adesivo - nos tubetes de vidro vs. carimbo - nos tubetes de plástico (sendo esse facilmente apagado);
- Redução do vazamento da solução quando submetido à pressão;
- Visualização de sangue durante uma aspiração positiva;
- Visualização da bolha de nitrogênio no interior do tubete.

Dessa forma, é importante nos preocuparmos com os anestésicos que utilizamos, já que, tão importante quanto o sal e o vasoconstritor de escolha, os outros componentes da fórmula e o tipo de tubete possuem papel fundamental na segurança, qualidade e sucesso dos procedimentos que realizamos.

PARA LER O ARTIGO NA ÍNTEGRA ACESSE:
[HTTPS://PUBMED.NCBI.NLM.NIH.GOV/23032206/](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23032206/)

[OU CLIQUE AQUI](#)